

DIFERENTES PAISAGENS PARA CONHECER NA ILHA

Na zona costeira, onde a influência do mar é direta, encontramos rochedos, praias e dunas. Pode observá-las em redor do antigo armazém.



Sobre a areia crescem duas pequenas plantas que, embora abundantes em Sálvora, estão em perigo de extinção: é a linária (*Linaria arenaria*) e o eródio (*Erodium maritimum*).



A arméria (*Armeria pubigera*), que normalmente cresce nas rochas, também se pode encontrar aqui nas dunas. Na Galiza tem o curioso nome de "herba de namorar".

Nos rochedos próximos da franja intermareal pode observar caranguejos, lapas (*Patella vulgata*), etc.



Na zona interior de Sálvora destacam-se na paisagem as grandes pedras graníticas, de formas curiosas e cobertas de líquenes como o líquen-dos-telhados (*Xanthoria parietina*).

A gaivota-de-patas-amarelas (*Larus michahellis*) faz os ninhos nestas pedras ou nas zonas relvadas entre elas. Procure não se aproximar para não a incomodar.



E nas zonas mais planas, onde se acumula a água, formam-se os charcos, imprescindíveis ao desenvolvimento dos escassos anfíbios da ilha, como o tritão-ibérico (*Lissotriton boscai*) e a rã-de-focinho-pontiagudo (*Discoglossus galgani*).

Noutras zonas do interior, o mato é a vegetação dominante. Aqui os espinhos dos abrunheiros (*Prunus spinosa*) e os tojos (*Ulex europaeus subsp. latebrataetus*) criam refúgios para os coelhos-bravos (*Oryctolagus cuniculus*) e para os lagartos-ocelados (*Lacerta lepida*).



Tojo



Lagarto - ocelado



Abrunheiro com frutos



Um Parque Nacional oculto debaixo das águas

Este é um espaço protegido muito singular, uma vez que a maior parte da sua superfície é mar. As ilhas Cíes, Ons e Sálvora emergem criando uma barreira natural que protege as Rias Baixas da dureza do oceano, ao passo que Cortegada se resguarda no interior da ria.



Limites do Parque Nacional
Superfície total: 8,480 ha.

SABIA QUE...?

O Farol de Sálvora foi habitado pelos faroleiros até 2018. A sua pesada ótica amplifica a luz da lâmpada e gira sobre uma enorme cuba de mercúrio que diminui a fricção e a faz girar com menor esforço.



Fotografia exposta na sala-museu de Riveira.

Nestas águas teve lugar o trágico naufrágio do vapor Santa Isabel em 1921, onde morreram 213 pessoas. Quatro jovens mulheres que viviam na aldeia acorreram num barco a remos chamado dorna para colaborar no salvamento e, posteriormente, foram condecoradas com uma medalha da Ordem Civil da Beneficência.

OFICINA DO PARQUE NACIONAL: Edifício Cambón (entrada por R/ Oliva 3,Vigo) Tel. +34 886218090
CENTRO DE VISITANTES: Edifício Cambón (entrada por R/ Palma 4,Vigo) Tel. +34 886218082
Fax: +34 886218094 iatlanticas@xunta.gal www.parquenacionalillasatlanticas.com
<https://es.facebook.com/ParqueNacionalIslasAtlanticasDeGalicia>



Papel reciclado 100% Ed. 2018.

PARQUE NACIONAL MARÍTIMO-TERRESTRE DAS ILHAS ATLÂNTICAS DA GALIZA

Arquipélago de Sálvora



Dê uma nova vida ao seu folheto. Devolva-o no posto quando se for embora.

REGULAMENTO E RECOMENDAÇÕES PARA A VISITA

Todos os anos passam por esta ilha milhares de pessoas, o que faz com que cada intervenção individual seja multiplicada por mil. É por isso que é tão importante que siga este regulamento.

Leve o seu lixo de volta consigo. Na ilha não há contentores do lixo, pelo seu impacto visual e pelos problemas ambientais que implicam o transporte e o armazenamento de resíduos. Cada visitante deve levar os seus resíduos até ao porto de origem.



Apague bem as beatas e leve-as consigo. Constituem um resíduo muito prejudicial e especialmente difícil de remover em praias e caminhos.



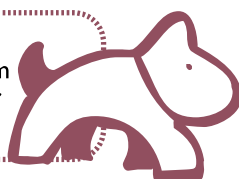
Não é permitido acampar.



Não arranque flores ou frutos, eles são necessários ao desenvolvimento das plantas e, para além disso, são alimento para alguns insetos e aves.



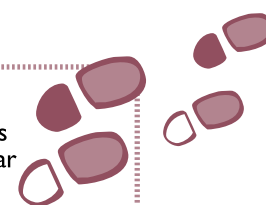
É proibido introduzir animais (exceto cães-guia), por poderem escavar raízes de plantas, caçar outros animais, etc.



Não faça barulhos que perturbem a tranquilidade natural do lugar: pode incomodar os outros visitantes mas também a fauna.



Não circule fora dos caminhos: irá pisar plantas e, ao abrir atalhos, provocar o aumento da erosão.



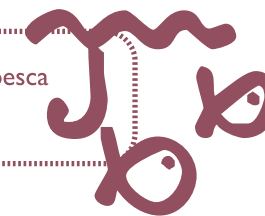
Não é permitido acender lume de nenhum tipo.



Não incomode os animais. Não se poderia dar de comer às aves nem aos peixes: poderia provocar-lhes doenças e alterar os seus hábitos alimentares. Também não se podem manusear os seres vivos das rochas: mexilhões, lapas...



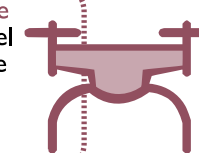
É proibida a pesca desportiva.



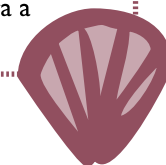
Para navegar, fundear ou praticar mergulho é preciso autorização do Parque Nacional.



Não é permitido o voo de drones, papagaios de papel ou qualquer outro tipo de artefacto voador sem autorização expressa do Parque Nacional.



Não leve as conchas das praias, pois reduzem os nutrientes necessários para as plantas das dunas, fundamentais contra a erosão das praias.



Há zonas reservadas ou restritas a que não se pode aceder, como as escarpas ou as dunas, porque albergam importantes colónias de aves em nidificação, pela fragilidade da sua flora, etc.





Observe as formas dos “bolos”: são as grandes pedras graníticas que, por ação da erosão e ao longo de milhares de anos, apresentam formas que desafiam a nossa imaginação.

ROTAS NO ARQUIPÉLAGO DE SÁLVORA

- Rota do Farol
- Rota da Aldeia
(Só com guia autorizado)

As duas rotas saem do cais.

* Alto de Milreu: acesso não permitido de 15/03 a 15/08 devido à nidificação de aves.

Antes de começar a caminhar, dê a volta ao folheto e fique a conhecer o regulamento.



Rota do Farol

Distância do cais ao Farol: 1,2 km Duração (só ida): 30 minutos Dificuldade: baixa

O caminho entre o cais e o Farol percorre a zona sul da ilha entre grandes pedras graníticas aqui chamadas “bolos”. Esta rota está salpicada de lendas. Há vários cartazes informativos que irão explicando porque é que há uma sereia na praia do Almacén, entre que rochas se esconde a Santa Companhia* e a história de um naufrágio ao pé do Farol. *Procissão de almas penadas que vai visitar o próximo a morrer. Podemos admirar o edifício do Farol da parte de fora do recinto. O regresso ao cais é feito pelo mesmo caminho.



Rota da Aldeia

Distância do cais à aldeia: 1,7 km Duração (só ida): 40 minutos Dificuldade: baixa

Pelo caminho até à antiga aldeia de Sálvora só poderá ir acompanhado por **guias autorizados**. Neste percurso passará pela fonte da Telheira, nome dado por uma antiga fábrica de telhas da qual já só restam as ruínas. Antes de chegar à aldeia, observe o grande tanque de pedra, onde as mulheres da aldeia lavavam a roupa. E, já na aldeia, repare na curiosa disposição das casas, que rodeiam um espaço central comum.

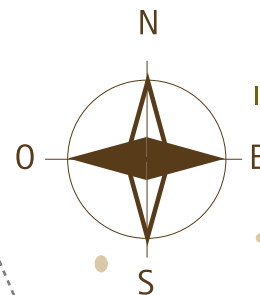
CONSELHOS PARA O CAMINHO
Leve água, use protetor solar e um chapéu para fazer as rotas.



+ INFO das rotas na pág. web do Parque.



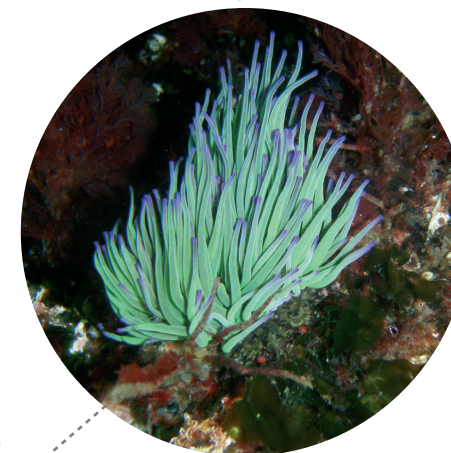
Na ilha é frequente ver os cavalos a pastar.



Os ilhéus que rodeiam Sálvora são parte das zonas de reserva que preservam a sua grande riqueza biológica. No ilhéu de Noro, contam que lá ia descansar a Santa Companhia (procissão de almas penadas) ao fim de semana.



As ruínas da aldeia são os vestígios de uma comunidade de cerca de 70 pessoas que se instalou na ilha no séc. XIX e que aí permaneceu até aos anos 1960. Trabalhavam as terras da família Marinho a quem tinham que pagar com metade da colheita e do gado. Também se podem apreciar os restos de uma segunda ocupação datada dos anos 1970. Em 2006 foi feita uma intervenção para recuperar algumas casas e consolidar o resto das edificações. Para visitar a aldeia tem que ir acompanhado por um guia acreditado ou por pessoal do Parque.



Pode mergulhar nas águas da **praia do Almacén** com a ajuda de óculos de mergulho e verá uma grande quantidade de peixes. Para usar cinto de mergulho é necessária autorização do Parque. Repare também que muitas espécies vivem coladas às rochas junto à praia. Pode solicitar livros de identificação das espécies ao pessoal do Parque. Não incomode nem alimente os animais, nem arranque nada das pedras.



O farol de Sálvora foi construído em 1921 após o trágico naufrágio do vapor Santa Isabel, e embora o recinto do farol esteja fechado ao público, pode admirá-lo do caminho que sai à direita do portão.



O solar e a Sereia foram construídos no séc. XX pela família Goián, descendentes da estirpe dos Marinho, proprietários da ilha desde a Idade Média até 2007. O solar foi construído sobre um antigo armazém de salga de peixe do séc. XVIII, onde ainda se podem ver os restos da antiga salga. A sereia de Sálvora representa a lenda da origem da família Marinho.